



## Artigo Original

### **ARTETERAPIA COM ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL: NOVAS PERSPECTIVAS, NOVAS REALIDADES**

### **ART THERAPY WITH TEENAGERS IN A STATE OF SOCIAL VULNERABILITY: NEW PERSPECTIVES, NEW REALITIES**

Claudia Regina Oga<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é a análise resultante da aplicação da Arteterapia em adolescentes em situação de vulnerabilidade social, moradores de uma casa de passagem de uma instituição religiosa, situada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizados 17 encontros semanais de duas horas de duração cada, com um grupo aberto de adolescentes, sendo a maioria com idades entre 14 e 18 anos. O objetivo principal das intervenções era o desenvolvimento da autoestima desses jovens que, muitas vezes, estão desmotivados por não se considerarem capazes de serem os agentes da transformação de seus próprios destinos. Devido à alta rotatividade dos moradores da casa de passagem, a pesquisa qualitativa de estudo de caso foi a metodologia escolhida para avaliar os resultados obtidos a partir do acompanhamento dos jovens que mais frequentaram os encontros de Arteterapia.

**Palavra Chave:** Arteterapia, Adolescentes, Autoestima, Vulnerabilidade social.

**Abstract:** This article is the analysis result of the art therapy application in adolescents at social vulnerability situation, residents of a halfway house for at-risk minors of a

---

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Paulista - UNIP, Graduada em Imagem e Som pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR, Pós-Graduada em Arteterapia pela Faculdade Vicentina – FAVI; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5457653545931958>; [clau.oga@gmail.com](mailto:clau.oga@gmail.com); Rua Com. Tórlogo Dauntre, 145 - Bairro Cambuí – Campinas, SP; Tel.: (19) 99752-2184.



religious institution, in a city located in the São Paulo state. There were realized 17 weekly meetings two-hour each, with a teenagers open group, mostly aged between 14 and 18 years. The interventions main goal was the self-esteem development of these young people that often are unmotivated by not considering themselves able to be the transformation agents of their own destinies. Due to the high residents turnover of the halfway house for at-risk minors, the qualitative case study research method was chosen to evaluate the results obtained by the accompaniment of young people who attended mostly of Art Therapy meetings.

**Keywords:** Art Therapy. Adolescents. Self-esteem. Social vulnerability. Visual arts.

## Introdução

O presente artigo surgiu a partir do estágio realizado com adolescentes, moradores de uma casa de passagem, para o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Arteterapia.

O ser humano, em seu processo de desenvolvimento, atravessa uma série de desafios que envolvem os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, desafios esses que colocarão à prova todas as habilidades do indivíduo em formação, além de instigar-lhe o desenvolvimento de novas potencialidades. Para tanto, um elemento fundamental neste processo é a autoestima, pois ao funcionar como um conjunto de lentes, pelas quais o mundo exterior e o interior são vistos, necessita estar em equilíbrio para que não haja distorções que prejudiquem o desenvolvimento saudável, levando à autodesvalorização e, consequentemente, ao conformismo frente aos empecilhos do dia a dia.

A adolescência, conhecida por ser uma fase de intensas transformações, é marcada por um sentimento de insegurança recorrente, e ela pode ser agravada pelo fato de que os novos desafios e responsabilidades inerentes à vida adulta começam a se manifestar. Tratando-se especificamente dos indivíduos analisados neste artigo,

acrescenta-se também a importante questão da vulnerabilidade social atuando como uma rede que, com sua trama de inúmeros nós, dificulta o livre desenvolvimento desses adolescentes rumo a um mar de possibilidades.

Na busca pelo desenvolvimento da autoestima desta população, a Arteterapia se apresenta como uma atividade terapêutica de grande valia, pois como nos informa Philippini (AATA, 2003, apud PHILIPPINI, 2008, p. 13), em relação ao conceito formulado pela AATA, a Associação Americana de Arteterapia:

[...] Por meio do criar em arte e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua auto-estima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

Com isso, constata-se que a Arteterapia contribui também para o desenvolvimento da autonomia, o despertar do potencial criativo, a superação de medos, além de auxiliar no processo de formação da identidade.

Sabe-se que, durante a adolescência, a transgressão faz parte do processo de crescimento dos adolescentes. Porém, a falta de oportunidades e de uma perspectiva de melhoria das condições de vida daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social acaba impulsionando a prática de comportamentos de risco, como por exemplo, o uso abusivo de substâncias psicoativas, como uma rota alternativa às dificuldades que se mostram intransponíveis aos olhos de quem não se vê com recursos capazes de suplantar a brutal realidade. Por isso, torna-se imperativo o estudo de práticas que, assim como a Arteterapia, auxiliam neste processo de autoconhecimento e desenvolvimento de potencialidades.

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo é a pesquisa qualitativa de estudo de caso para avaliar os efeitos da Arteterapia em três jovens moradores de uma casa de

passagem especializada, pertencente a uma instituição religiosa, situada numa cidade do interior do Estado de São Paulo. Foram realizados 17 encontros semanais com duração de duas horas cada, nos quais se ofereceu diversas técnicas arteterapêuticas, tais como: modelagem em argila, pintura em telha, mandala de areia colorida e bordado em feltro.

Para o embasamento do estudo, foram abordados os seguintes temas: Artes Visuais e Arteterapia; Adolescência e Juventude; Vulnerabilidade Social e Autoestima. Um breve histórico de cada um dos moradores analisados faz-se necessário para tratar das particularidades deste público, seguidos dos relatos das sessões mais significativas, com o intuito de ilustrar os principais pontos que serão discutidos nas considerações finais.

## **O redimensionamento do olhar: visão frontal do problema**

### **1.1 – Artes Visuais e Arteterapia**

As artes visuais sempre exerceram um enorme fascínio sobre o ser humano, e dentre as suas inúmeras funções, pode-se destacar a sua capacidade de transmitir sensações, sentimentos e pensamentos que, por se darem de maneira não-verbal, são atemporais e universais, o que as tornam um excelente instrumento de comunicação daquilo que se passava no íntimo do criador, no momento da criação artística. Na verdade, a relação que existe entre a representação do espaço nas artes visuais e a linguagem verbal demonstra o quão esclarecedor é o estudo das imagens, como explica Ostrower (2004, p. 13):

Ao dizermos, por exemplo, que algo nos toca de modo *profundo* ou apenas *superficial*, usamos intuitivamente imagens de espaço. Quando falamos das qualidades de um *indivíduo* (um ser in-divisível), como sendo *aberto* ao mundo ou *fechado*, *expansivo* ou *introvertido*, *desligado*, *envolvente*, *atraente*, *repulsivo*, *distante*, *próximo*, usamos sempre imagens de espaço. Não há outra maneira possível de conscientizar, formular e comunicar nossa experiência.

Segundo Philippini (2008), a Arteterapia é um campo de estudo que se utiliza basicamente de materiais e técnicas expressivas simples e acessíveis para proporcionar ao cliente um processo terapêutico, o qual resultará numa produção simbólica provida de uma materialidade que permite atribuir significado a informações advindas de níveis profundos da psique, apreendidas pouco a pouco pela consciência.

Em Arteterapia, diferentemente do que ocorre nas artes em geral, não se aprecia o resultado final quanto à fruição estética, já que o mais importante encontra-se no fazer terapêutico, pois: “[...] o valor da produção é tanto maior quanto mais ela representa o verdadeiro *self* do paciente, ou seja, se ela carrega efetivamente um sentido para o viver da pessoa em questão” (SEI, 2011, p. 40).

## 1.2 – Adolescência e Juventude

A adolescência, fase de transição entre a infância e a idade adulta, se caracteriza pela ocorrência de uma crise de identidade, em que o grupo passa a ser a principal fonte de referência na busca por novas formas de pensar, agir e sentir. De acordo com Duclos et al. (2008, p.6):

A criança se vê principalmente através do olhar que as outras pessoas têm sobre ela, pessoas consideradas importantes em sua vida: seus pais, seus avós, seus educadores, seus amigos etc. Para conhecer-se a si mesma, ela se serve das palavras que essas pessoas lhe dirigem e das atitudes que tomam em relação a ela. Posteriormente, a criança cresce e os amigos, pouco a pouco, adquirem maior importância, tornando-se, na adolescência, o espelho através do qual ela se vê.

Existem divergências quanto à faixa etária correspondente a esse período: de acordo com Silva e Lopes (2009), para a Organização Mundial da Saúde (OMS), ela ocorre entre 10 e 19 anos, enquanto que no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define a adolescência entre os 12 e 18 anos incompletos.

Em relação ao termo juventude, Silva e Lopes (2009) explicam que, segundo a OMS, trata-se de uma classificação sociológica sobre o processo de preparação dos indivíduos para o papel de adulto na sociedade, no aspecto profissional e no familiar, e corresponde ao período de 15 a 24 anos. No Brasil, o ECA não apresenta uma definição para este termo, portanto, os conceitos de adolescência e juventude utilizados neste artigo se referem àqueles estabelecidos pela OMS.

Segundo Serrão e Baleeiro (1999), as principais características em relação ao comportamento dos adolescentes são, em sua maioria, uma resposta ao contexto social em que eles se encontram e, no caso de jovens pertencentes às classes sociais menos favorecidas, destacam-se: a autoestima fragilizada, a autoimagem contaminada por preconceitos, o medo de expressar-se, a falta de perspectiva, o ataque como forma de defesa, os papéis de gênero masculino e feminino com limites mais rígidos e a percepção da cidadania como um conceito abstrato. A partir destas constatações, é possível verificar como as influências vindas do meio social podem afetar o desenvolvimento dos indivíduos.

### **1.3 – Vulnerabilidade Social**

A vulnerabilidade social, conforme teoriza Katzman (1999), citado pela Fundação Sistema Estadual da Análise de Dados (SEADE), refere-se à capacidade que um indivíduo, família ou grupo social tem de controlar as forças que afetam seu bem-estar, ou seja, a capacidade de possuir recursos para acessar as oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado e sociedade.

[...] Desse modo, a vulnerabilidade à pobreza não se limita a considerar a privação de renda, mas também a composição familiar, as condições de saúde e o acesso aos serviços médicos, o acesso e a qualidade do sistema educacional, a possibilidade de obter trabalho com qualidade e remuneração adequadas, a existência de garantias legais e políticas, etc. (SEADE, 2010, p. 8).

Segundo o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) de 2010, publicado pela SEADE, 12,9% da população do Estado de São Paulo, cerca de 6,3 milhões de pessoas vivem em situação de vulnerabilidade alta (8,8%) ou vulnerabilidade muito alta, nos chamados aglomerados subnormais urbanos, popularmente conhecidos como favelas (4,1%). Isto confirma o fato de que uma grande parcela da população do Estado enfrenta sérias dificuldades para ter acesso aos serviços básicos, o que compromete profundamente o bem-estar e a possibilidade de obter melhores condições de vida.

Em relação ao uso de substâncias psicoativas, Baptista (2006) citado por Santos e Valladares (2011, p.1) explica que o uso “[...] entre jovens se deve em parte à busca por uma identidade que rompa os laços com a infância e que lhes proporcionem a construção de um novo indivíduo fora do âmbito da família”. Sabe-se que os jovens que se encontram em situação de vulnerabilidade social frequentemente possuem um histórico familiar complexo, no qual não lhes foram oferecidos os cuidados necessários desde a tenra infância. Segundo Graci (2013, s/p.): “Este sentimento de valor ou não que o indivíduo traz de sua infância, interfere em seu destino e nas escolhas que fará. Até que mais tarde, esta pessoa possa rever as circunstâncias originais de sua vida e elaborá-las”.

#### **1.4 – Autoestima**

O termo autoestima está fortemente ligado à questão do autoconceito, como afirma Salvador, citado por Morais (SALVADOR, 2000 apud MORAIS, 2013, s/p.):

[...] Enquanto o autoconceito faz referência ao conhecimento que a pessoa tem de si mesma – sei que sou bom desenhando –, a auto-estima implica uma avaliação afetiva do próprio eu, isto é, como a pessoa se sente em relação aos diferentes atributos ou dimensões que comporta o seu autoconceito – agrada-me o meu aspecto; sinto-me feliz tal qual sou.

A psicologia junguiana teoriza que a autoestima está relacionada às experiências vividas desde a denominada fase urobórica, que consiste na primeira fase de desenvolvimento da psique da criança. Graci nos informa que: “Experiências negativas nesta primeira fase comprometem a confiança da criança em si mesma e no mundo, esta relação primária negativa pode gerar problemas afetivos, insegurança e problemas de auto-estima entre outros”. (GRACI, 2013, s/p.)

Laporte (2008) afirma que a autoestima é construída através das experiências da vida e varia conforme os resultados obtidos a partir destas novas descobertas, sendo que, assim como os êxitos, os fracassos também são muito importantes no seu desenvolvimento:

A autoestima é uma realidade mutante. Nos momentos de alegria, ela é uma flor a se abrir; nos momentos de tensão ou de tristeza, ela corre o risco de murchar. Mas o mais importante é que ela pode sempre florescer em nosso jardim interior, ainda que os pais pensem pouco em conservá-la viva e cultivá-la continuamente. (LAPORTE, 2008, p. 8-9).

Além disso, segundo Duclos et al. (2008), sendo a autoestima um valor atribuído a si nos mais diversos aspectos da vida, desde o plano físico (aparência, habilidades, resistência), passando pelo plano intelectual (brilhantismo, memória, raciocínio), até o plano social (capacidade de fazer amigos, carisma, simpatia), uma pessoa com uma boa autoestima geral é aquela que possui uma boa imagem de si na maior parte desses aspectos.

Portanto, a autoestima é uma variável subjetiva que deve ser desenvolvida nos jovens que se encontram em casas de passagem, para que eles possam dar-se o devido valor, e com isso, modificar suas atitudes, suas escolhas e seus relacionamentos.



## 2.1 – Local

Os encontros de Arteterapia ocorreram numa casa de passagem especializada, que atende menores em situação de rua e/ou exploração sexual, usuários ou não de substâncias psicoativas, com idades entre sete e 18 anos incompletos, com a presença de algumas exceções, em que é permitida a permanência de adolescentes com mais de 18 anos que não possuem condições para residirem em outro local. A maioria dos moradores é adolescente, sendo 80% do sexo masculino.

## 2.2 – Sujeitos

Em função da grande circularidade dos atendimentos em uma casa de passagem, o estágio foi realizado com um grupo aberto, e a maioria dos indivíduos possuía entre 14 e 18 anos. Ao todo, foram atendidos 17 jovens, com a média de três participantes por encontro. Para avaliar os resultados desta intervenção arteterapêutica, foram selecionados os três adolescentes que mais participaram dos encontros:

- **F:** sexo masculino, 18 anos, frequenta abrigos desde 2006, tem várias passagens pela Fundação Casa, e atualmente encontra-se residindo na casa da sogra, junto com a namorada, que também foi moradora da casa de passagem. Faz cursos e trabalha de quinta a domingo. É destituído da família. Participou de cinco sessões.

- **J:** sexo masculino, 17 anos, é oriundo de outro Estado, e saiu de casa por se sentir explorado financeiramente. Conseguiu emprego, mas foi demitido pelo excesso de faltas em decorrência do uso de substâncias psicoativas. Por decisão da casa de passagem, voltou a morar com sua mãe, já que não conseguiu manter-se no emprego e dar prosseguimento à sua autonomia. Participou de seis sessões.

- **R:** sexo masculino, 18 anos, teve seu primeiro acolhimento na casa em 2011. Ele é um caso especial: continua morando na casa de passagem, apesar de já possuir 18 anos,

mas planeja sair em breve para morar com uma amiga. O jovem utiliza os serviços do CAPS e sua mãe apresenta transtornos mentais. Participou de cinco sessões.

## **2.3 – Os encontros**

Apresentam-se a seguir, algumas das sessões mais representativas do estágio com os participantes já citados anteriormente:

### **2.3.1 – Confecção de Olho de Deus – O pedido de proteção (6ª sessão)**

O objetivo principal era trabalhar a organização, através de um objeto simbólico que remetesse à proteção e ao acolhimento. Além disso, o uso de fios em atividades arteterapêuticas auxilia no resgate do “fio da vida” e na ressignificação de vivências traumáticas, pois segundo Bernardo (2012), está associado às histórias e às tramas que compõem a nossa existência. Utilizou-se para esta atividade: lãs, palitos de madeira e tesoura. Os jovens não conheciam a técnica, porém não encontraram grandes dificuldades em confeccionar o objeto.

- F fez o primeiro Olho de Deus a pedido da namorada, que estava presente neste dia e não quis participar da atividade. O segundo foi feito com base nas cores de seu time de futebol. O adolescente demonstrou grande contentamento, e comentou: “Olha parece uma pipa. Olha a rabiola!”, agitando as franjas no ar.



Participante F

### 2.3.2 – Representação de uma horta – Minha horta (12ª sessão)

Esta atividade buscou proporcionar uma base mais sólida aos participantes, que possuem falhas estruturais provenientes das conflituosas relações estabelecidas com suas famílias de origem, e ao mesmo tempo, remeter à paciência e aos cuidados necessários na gestação de novos projetos, com questionamentos sobre o que se deseja plantar e o que irá ser colhido no futuro, e abordando a questão da perseverança no trabalho constante para que haja uma boa colheita. Argila, sementes diversas e bandejas de isopor foram os materiais desta sessão.

Segundo Chiesa (2004), o trabalho com a matéria viva do barro desperta um contato maior com a natureza da qual o próprio homem faz parte, e que o mesmo acabou afastando-se das coisas mais simples e primordiais. “Resgatar o contato com a natureza é um re-encontro e um re-conhecimento de si.” (CHIESA, 2004, p. 53).

- O adolescente F fez o primeiro trabalho rapidamente e pediu outra bandeja para fazer o segundo: “Depois que acabei, senti que faltou cor na primeira horta”. E neste segundo trabalho, ele tentou representar as plantações já crescendo, ao colocar alguns ramos com folhas, arrancados de um jardim da casa de passagem. Mas ao ver que sua tentativa de fazer surgir logo o resultado do plantio havia sido frustrada, pois os ramos

não se fixaram bem à argila, retirou os ramos e não conseguiu colocar mais nada no lugar, deixando-o vazio.



Participante F

- J passou bastante tempo só moldando a argila na base de isopor, como se estivesse realmente preparando a terra para o plantio. Fez somente um trabalho que, além de não possuir divisórias, dava a impressão de haver muitas sementes para pouca “terra”. Num dado momento, disse que iria plantar no algodão: “Você já viu feijão no algodão? Fica alto pra caramba!”, e com isso é possível fazer um paralelo do que acontece com este adolescente e o protagonista do conto “João e o Pé de Feijão”, que passa por um processo de emancipação.



Participante J

### 2.3.3 – Construção de objeto tridimensional com arame – Objeto representacional

#### (13ª sessão)

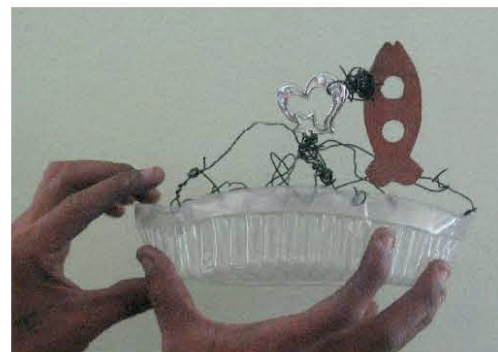
A construção vertical apresenta como proposta o fortalecimento da estrutura dos participantes, numa continuação do processo iniciado na sessão anterior. Bernardo (2012) informa que, ao se trabalhar com expressões tridimensionais, questões relativas à percepção da realidade, àquilo que fornece base e suporte para o crescimento e ao posicionamento existencial de um indivíduo são simbolicamente representadas e trabalhadas arteterapeuticamente. Nesta atividade sugeriu-se a construção de um objeto em que o participante representasse a si mesmo, e foram utilizados arames cozidos, sucata, pedras de bijuterias, fita crepe e alicates. A utilização da sucata é bastante significativa, já que propicia a transformação de algo que, aparentemente, não teria mais utilidade, como explica Oliveira e Sei (2010), citados por Sei (2011, p. 61): “Esta analogia da transformação pode ser transposta para a vida da pessoa, apontando para as mudanças que podem ser feitas e para o potencial pessoal existente que pode ser aproveitado”.

- O jovem **J** construiu uma flor de arame, sendo que uma das pétalas era móvel e, às vezes, ficava um pouco caída, momento este em que ela se encontrava dormindo, como ele mesmo relatou. A base da estrutura de arame foi a parte mais difícil de ser resolvida, pois a flor não tinha estabilidade e caía facilmente, até que ele conseguiu montar uma base um pouco mais estável com pedras de bijuteria.



Participante J

- R teve uma dificuldade inicial em definir seu objeto. Escolheu uma base larga de plástico transparente e prendeu objetos com o arame, formando vários nós. Não quis nomear seu trabalho, mas gostou de visualizar um peixe que parecia saltar de um aquário, próximo ao coração e à estrela.



Participante R

#### 2.3.4 – Bordado em Feltro – O retorno de uma longa viagem (15ª sessão)

Esta sessão buscou fazer um resgate das coisas boas que foram conquistadas ao longo da trajetória arteterapêutica. Através do exercício de visualização, pediu-se para visualizar o retorno de uma longa viagem, a qual poderia ter sido uma viagem real ou imaginária. Em seguida, foi feito o bordado de um objeto, paisagem, pessoa ou

sentimento que tenha sido significativo nessa viagem. A partir disso, os participantes puderam entrar em contato com os recursos interiores desenvolvidos durante os encontros de Arteterapia e apropriar-se dos mesmos. O propósito deste encontro era também o de abordar a finalização do processo arteterapêutico que iria se encerrar em breve.

Pfyffer (s/d) afirma: “[...] Fazer o nó e passar o fio ponto por ponto firma internamente o propósito. O bordado tem também a vantagem de poder ser feito e desfeito, auxiliando nos processos de permissão de desconstrução e correção de rota”. Os materiais deste encontro foram: feltro, lãs e linhas, agulha, tesoura e giz pastel oleoso para marcar o feltro.

- Neste trabalho, **R** resolveu bordar o nome de uma pessoa, que “é como uma mãe” para ele, a qual receberia o bordado de presente. O trabalho foi feito com muita concentração e entusiasmo, e é possível constatar que o bordado segue fielmente o traçado feito com o giz no feltro. Na hora de fotografar, **R** fez questão de mostrar o avesso de seu trabalho.



Participante **R**



### 2.3.5 – Produção de amuleto – Acolher as boas experiências: bem-estar e proteção

#### (16ª sessão)

Numa das últimas sessões oferecidas no estágio, o objetivo era oferecer uma atividade de finalização, com a recapitulação dos encontros anteriores e daquilo que foi conquistado através do autoconhecimento. A produção do amuleto foi inspirada nos escapulários religiosos, como também, no "cordão de orações" dos indígenas mexicanos, citado por Bernardo (2010), e confeccionada com envelopes de feltro recheados com os diversos materiais já utilizados em outras sessões, a saber: giz de cera, velas coloridas, sementes, casca de coco e lascas de madeira, além da utilização de agulhas, lãs e linhas e tesoura. Esta sessão aborda novamente a apropriação por parte dos participantes dos recursos interiores adquiridos durante o processo arteterapêutico, trabalho já iniciado na sessão anterior. Apesar da origem religiosa desta atividade, e embora existam poucos estudos sobre as suas implicações em relação ao campo psíquico, a proposta inserida neste contexto arteterapêutico traz um questionamento referente à capacidade de autoproteção de cada indivíduo, a partir do uso dos recursos internos.

- **J** estava particularmente melancólico neste dia, pois iria voltar a morar com sua mãe no dia seguinte, contra a sua vontade e por decisão da casa de passagem. Confeccionou grandes envelopes, bem recheados com sementes e lascas de madeira. Foi o último a terminar seu amuleto, e apesar da sua tristeza, foi possível ver que o jovem conseguiu finalizar a sessão de maneira positiva.



Participante J

- R: Este adolescente apresentou-se bem concentrado durante toda a atividade, fez pequenos envelopes e recheou-os somente com vela colorida. Tentou costurar os envelopes reproduzindo o modelo que lhe fora apresentado, pois o achou bonito, mas depois constatou que o modelo não funcionou no seu amuleto, já que o recheio vazava pelos pontos, e então passou a desenvolver o seu próprio trabalho.



Participante R

### Considerações finais

No decorrer de todo o processo arteterapêutico, foram constatadas mudanças significativas de comportamento nos adolescentes atendidos. Inicialmente, havia a busca em atender às demandas externas, como: corresponder a padrões de beleza, querer agradar o outro e seguir um modelo idealizado. Além disso, sentimentos de insegurança e

inadequação se faziam presentes em frases, como: “Não sei fazer.”, “Ficou feio. Ficou estranho.”. Havia também, uma grande preocupação com a perda da individualidade, quando diziam: “Você está me imitando”, o que demonstra o empenho na criação de algo que fosse único, impossível de ser reproduzido.

Com o passar do tempo, essas reações foram se apaziguando e, aos poucos, cada jovem passou a desenvolver um estilo pessoal, seguindo suas necessidades internas de expressividade e criatividade. Dessa forma, tornou-se frequente vê-los satisfeitos ao final dos encontros, por terem conseguido criar imagens e achar soluções que deram forma aos conteúdos internos.

Se nas primeiras sessões, o jovem **F** apresentava-se muito dependente de sua namorada, preocupando-se mesmo quando ela não estava participando das atividades, progressivamente, ele passou a se desvincular da influência dela e a se concentrar cada vez mais no seu trabalho, ignorando até as críticas que ela fazia em relação à sua produção.

**J** era um dos adolescentes que mais tinha problemas com a autoestima: constantemente desvalorizava seus trabalhos e dizia-se incapaz. Com o decorrer das sessões, notou-se que seu trabalho evoluiu, tornando-se muito expressivo: ele se permitiu interagir com suas criações, atribuindo a elas um caráter lúdico, com o qual pode dar vazão a questões profundas, ressignificando-as de uma maneira leve e criativa.

Por sua vez, o adolescente **R** conseguiu superar o sentimento de frustração por não conseguir reproduzir fielmente o modelo idealizado, ao constatar que o trabalho do outro, seja ele um artista, ou um colega da casa, não corresponde às suas necessidades pessoais. Outro comportamento desse jovem que foi amenizado era o de mostrar várias vezes o seu trabalho às arteterapeutas com o intuito de obter palavras de incentivo, e receber apoio para seguir em frente, apesar das dificuldades.

Um dos elementos essenciais para que os resultados positivos fossem alcançados foi a confiança conquistada por meio do fortalecimento dos vínculos entre arteterapeutas e clientes, pois somente a partir da confiança no suporte arteterapêutico é que foi possível aos participantes confiarem em si mesmos durante um percurso, em que não existem modelos prontos e caminhos pré-determinados a seguir e, muito menos, a certeza de onde irá se chegar.

Dentre as principais dificuldades encontradas ao longo do processo arteterapêutico, pode-se citar: brigas e evasões ocorridas fora do âmbito do estágio influenciavam profundamente o estado emocional dos participantes, uma vez que os encontros se davam no mesmo ambiente em que tais eventos ocorriam; os adolescentes apresentavam certa resistência às atividades, inicialmente tidas como “infantis” ou “escolares”; a população flutuante característica da casa de passagem não permitiu um trabalho contínuo e aprofundado.

Apesar disso, a Arteterapia estimulou os jovens a estabelecerem novas formas de enxergar as próprias características, as próprias produções e os próprios modos de atuação, favorecendo a percepção de que existem potenciais que não podem ser classificados segundo critérios de beleza, perfeição e, muito menos, sob o ponto de vista de melhor ou pior, que são impostos pela sociedade.

E mais especificamente em relação aos adolescentes em situação de vulnerabilidade social, a Arteterapia possibilitou mudar o foco das condições desfavoráveis ao desenvolvimento, retirando a tendência ao conformismo de estarem fadados a seguir pelos mesmos caminhos percorridos por outros jovens em situação semelhante. Com isso, ajustou-se o olhar para os recursos internos que precisam ser desenvolvidos, ou então, que já existem, mas que estão encobertos pela autodesvalorização e, apropriando-se dos mesmos neste processo de desenvolvimento



da autoestima, pode-se dar seguimento à busca de outros recursos necessários para que a trajetória particular de cada indivíduo seja plena de significado e de realizações.

Data de recebimento: 08 de janeiro de 2015.  
Data da primeira revisão: 02 de fevereiro de 2015.  
Data de aceite: 10 de fevereiro de 2015.

## Referências

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, volume V: a alquimia nos contos e mitos e a arteterapia: criatividade, transformação e individuação. São Paulo: Ed. do Autor, 2010.

BERNARDO, P. P. **A prática da arteterapia: correlações entre temas e recursos**, volume IV: arteterapia e mitologia criativa: orquestrando limiares. 2ª ed. São Paulo: Arterapinna Editorial, 2012.

CHIESA, R. F. **O diálogo com o barro: o encontro com o criativo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

DUCLOS, G.; LAPORTE, D.; ROSS, J. **A auto-estima dos adolescentes**. São Paulo: Paulus, 2008.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS versão 2010. Metodologia**. Disponível em: <http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/metodologia.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2013.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS versão 2010. Principais resultados**. Disponível em: [http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais\\_resultados.pdf](http://www.iprsipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf). Acesso em: 3 mai. 2013.

GRACI, F. L. B. **A Eterna Criança – Auto-estima e Individuação**. Disponível em: <http://www.ipacamp.org.br/site/artigos/73-a-eterna-crianca-auto-estima-e-individuacao>. Acesso em: 10 jul. 2013.

LAPORTE, D. **O despertar da auto-estima: de 0 a 6 anos**. São Paulo: Paulus, 2008.

MORAIS, M. L. C. de. **Auto-estima – chave do sucesso e da auto-realização**. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/artigos/53.htm>. Acesso em: 17 jul. 2013.

OSTROWER, F. **Universos da arte: edição comemorativa Fayga Ostrower**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

PFYFFER, M. T. **Técnicas Expressivas Plásticas**. Disponível em: <http://www.portalcapixabao.com/sites/?c=6692&p=11273&exibe=11260>. Acesso em: 21 mai. 2013.



PHILIPPINI, A. **Para entender Arteterapia: cartografias da coragem.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SEI, M. B. **Arteterapia e Psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.

SERRÃO, M.; BALEEIRO, M. C. **Aprendendo a ser e a conviver.** 2ª ed. São Paulo: FTD, 1999.

SILVA, C. R.; LOPES, R. E. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 17, n. 2, p. 87-106, Jul.-Dez. 2009. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 12 jul. 2013.